

# MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

## Uma longa batalha

Autor: [Ana Paula Robert Neto](#)

Publicado em 18/01/2021

---

Depoimento de Ana Paula Robert Neto  
Entrevistada por Fernanda e Lila  
São Paulo, 16/09/2020  
PCSH\_HV910  
Projeto Mulheres empreendedoras - Zona Norte  
Realização Museu da Pessoa  
Transcrito por Fernanda Regina

P/1 – Qual é seu nome completo, local e data de nascimento?

R – Ana Paula Robert Neto, data de nascimento 18 de setembro de 1969, e eu nasci em São Paulo capital.

P/1 – Quais eram os nomes dos seus pais?

R – Irineu César Robert e Iolanda Bernardino Robert.

P/1 – O que eles faziam?

R – Meu pai tinha um comércio de pescado no Ceasa, e minha mãe era professora.

P/1 – Você conhece a origem da sua família?

R – Conheço.

P/1 – Você pode contar um pouquinho para gente?

R – Bom, sei que do lado do meu pai, meu sobrenome é de origem francesa. E da minha mãe, de origem italiana. A família da minha mãe veio em um navio na época da primeira guerra, meu avô nasceu nesse trajeto da Itália para o Brasil, e recebeu o nome de Brasil. Ele foi morar no interior, trabalhar na lavoura e teve nove filhos, no interior de São Paulo. Eu não conheço muito bem a história da família do meu pai, mas eu sei que é de origem europeia, francesa. Existe até uma vila, que na época da primeira guerra, muitas pessoas vieram para o Brasil, e constituíram uma vila em Piracicaba, que foi onde meu pai nasceu. Se chama Vila Robert, que é de origem francesa. Meu pai é filho... Meu avô era farmacêutico, minha avó dona de casa, e meu pai tinha mais três irmãos, ele era o mais velho.

P/1 – E como era a sua casa de infância, você se lembra?

R – Eu sou a caçula. Na época, falavam "temporona". Porque assim, quando eu nasci, meu irmão tinha 11 anos, a outra tinha 13, e a outra 14 anos, então eu era a caçula. Nasci no bairro do Aeroporto, e minha família já tinha uma classe média alta. Minha mãe trabalhava, meu pai também, e uma das minhas irmãs tomava conta de mim. Eu sei que nasci de seis meses, então na época eu fiquei três meses no hospital. Então era assim na família, "a Ana Paula nasceu de três meses, quase morreu, cabia na mão do médico, chegou a pesar 800 gramas, e acabou vingando", essa era a minha história familiar de criança, que escutei por muitos anos.

P/1 – Como era a relação com os seus irmãos, por eles serem um pouco mais velhos? Como era essa relação entre vocês?

R – Então, até uma certa idade, até um período da minha vida que irei comentar mais para frente, eu sempre tive muita atenção, muita proteção, muito carinho. Como eu era a caçula, tudo que eu queria meu pai fazia, me dava, minha mãe também... Só que a relação começou a mudar um pouco, porque minha mãe faleceu quando eu tinha 11 anos. Eu já tinha 11, meu irmão 22, minha irmã 25, e a outra 26. Foi um período bem difícil, depois que ela faleceu.

P/1 – Ela faleceu do que?

R – Ela teve câncer. Aquele mundo azul... Não era nem azul, era cor-de-rosa, aquele mundo dourado, se tornou de outras cores (risos), porque meu pai não teve cabeça, minha mãe era o esteio da casa. Na época, a gente tinha um imóvel, tinha carro e meu pai tinha a empresa ainda. A parte da empresa, ele deu para um funcionário. Depois de um tempo, ele vendeu o imóvel que tinha. Era a época da poupança, inflação alta. Ele colocou o dinheiro na poupança e começou a viver dos juros, até o dinheiro acabar. E aí, ele começou a beber. Então assim, depois que minha mãe morreu, dos meus 13 anos até os meus 16, eu brigava muito com o meu pai, porque ele bebia, e aí comecei a morar com amigas, na casa de várias pessoas. Nessa época, os meus irmãos já tinham saído de casa, cada um foi ter a sua vida, e eu comecei a morar sozinha com 16 para 17 anos. Foi uma fase complicada, porque meu pai bebia muito e ele tinha epilepsia. Ele tomava um copo de bebida e caía na rua. Então, ir pegá-lo na rua, ir para um pronto socorro... Depois, ele passou por um processo onde começou a ser internado, porque roubavam ele e tudo. Tanto que ele ficou por 15 anos em uma clínica de repouso. Ele teve demência muito cedo, e ficou por 15 anos em uma clínica de repouso, até falecer.

P/1 – Você falou desse momento drástico, de que com você com 11 anos, sua mãe faleceu, e você perdeu esse mundo dourado. Queria que você contasse mais dessa época, dessa situação. Conta uma história marcante dessa época, que você se lembre.

R – Dessa época, assim, foi uma mudança muito grande na minha vida, porque eu morava em um bom apartamento, tinha meu quarto, tinha empregada, tinha tudo, e meu pai decidiu se desfazer de tudo. Em uma época, eu decidi morar com uma irmã minha, saí do colégio particular e fui para o colégio estadual. Eu lembro que essa época marcou muito, porque assim, no meu mundo, as minhas amigas tinham o mesmo padrão que eu tinha. Comecei a fazer amizade com uma menina, que era minha melhor amiga, e ela me levou para conhecer a casa dela. Lembro que cheguei na casa dela, e era um quarto. Naquele quarto tinha uma cama, uma cozinha, uma mesa... Eu nunca tinha visto isso, nunca tinha presenciado. Eu levei um choque. Para mim, foi um choque muito grande. Não só ela, como outras pessoas também... Como eu fui estudar no bairro da Bela Vista, lá tem um monte de cortiços. Uma casa, onde em cada quarto vive uma família, e eles dividem o mesmo banheiro, entendeu? Isso fugia totalmente da minha realidade. Por anos... Por anos, assim, por um tempinho eu vivi em uma realidade em que eu tinha sido criada antes. Acho que foi de um grande aprendizado. As pessoas só conseguem estar no lugar do outro, quando elas vivenciam. Uma coisa é falar, outra coisa é você estar ali vivendo, estar vendo aquela realidade de coisas que não tinha presenciado ainda.

P/1 – De quais brincadeiras você gostava?

R – Então, eu falo assim, até essa fase da minha vida, até os meus 11 ou 12 anos, eu tinha muita boneca, casinha, tinha um cachorro... Eram essas brincadeiras. Se queria uma boneca que saía, a Amelinha, eu tinha. Então de tudo isso, eu gostava de brincar, gostava de brincar de casinha... Acho que brinquei de boneca até os 11 anos. Nessa fase de 12 ou 13 anos adolescente, já não... O que marcou para mim, é que a gente saía da escola, ia a pé até o Parque Ibirapuera e passava a tarde lá ou jogando ou brincando algumas vezes da semana. É um lugar que traz algumas recordações, como por exemplo em 1984, quando eu terminei o ginásio, e a formatura foi... A gente comeu um lanche no McDonald's da Paulista, que era o point da época. Imagina, hoje tem um McDonald's em cada esquina, na época o da Paulista era o mais famoso, e não eram tantos que existiam. Então algumas coisas marcaram essa fase.

P/1 – Como era o bairro nessa época?

R – Como era o bairro? Então, assim, eu morava no Jardins e depois fui para Bela Vista. Eu comecei a ter contato com várias pessoas, foi o que te falei, pessoas mais simples que moravam em cortiço. No bairro da Bela Vista tem muita gente que vem de fora, do Norte, do Nordeste. Essa menina que foi minha amiga por muitos anos, a família dela praticamente me adotou, então eu passava boa parte da semana na casa dela, às vezes dormia dois ou três dias na casa dela, e ia para minha casa ou para a casa da minha irmã. Na época, às vezes eu morava com um irmão, morava com outro... Então fazia esse revezamento. Com essa menina, eu fui pela primeira vez ver um bloco de carnaval, que eu nunca tinha visto. São outros conhecimentos, outros valores que vamos adquirindo. Nessa época eu comecei a frequentar a Feira da Liberdade, uma feira oriental que gosto muito até hoje. Eu fui conhecer também... Na Bela Vista tinha a federação espírita, e era ainda em um local bem pequenininho. Hoje a federação espírita é na rua Maria Paula, que é em um prédio enorme, gigantesco. Ainda cheguei a frequentar a federação antes de construir aquele prédio. O espiritismo é... Eu sou católica de formação, mas o espiritismo era algo no qual eu sempre buscava refúgio e conforto para minhas aflições. Então o meu mundo estava resumido ali, naquele bairro.

P/1 – Eu queria saber como essa mudança de padrão econômico impactou em você. Você lembra como se sentia?

R – Ah sim, lógico. Nada que muitos anos, 12 anos de terapia, não ajudassem muito no processo (risos). Você sai de um mundo de cuidado e de proteção para um mundo em que você está sofrendo com o alcoolismo do seu pai, o chão que você tinha não tem mais, é você por você. Foi difícil, uma fase bem tumultuada da minha vida. Essa fase durou praticamente até meus 20 anos, então foi dos 11 aos 20. Porque durante um tempo, eu morava com um irmão - tenho mais duas irmãs e um irmão. Só que eles também não tinham muita paciência. Eu já era adolescente, então brigavam... A gente brigava e me colocavam para fora de casa. Eu pegava minhas coisas e ia morar na casa de uma amiga. Então eu falo que dos meus 11 anos até os meus 19, eu mudei para mais de 15 casas. Ficava um pouco aqui, um pouco não sei onde, e assim fui indo. Quando eu cheguei a ter... Com 17 anos, eu fiquei grávida. Foi meu primeiro namorado... E aí, eu tinha alguém para amar, para me preocupar, para ser só meu, que é o meu filho. Hoje meu filho tem 33 anos. Também foi uma outra fase, sem um lugar para morar direito, porque eu estava nesse

"pinga, pinga". Com 17 anos, você não ganha tão bem para pagar um aluguel sozinha, bancar um apartamento ou alguma coisa assim. O que fazer? E com um filho para chegar nesse mundo. Depois de um tempo, as coisas foram se acertando. Nessas 14 vezes que morei com alguma pessoa, ou com irmã, ou com irmão, ou com amiga, em uma das fases, dividi apartamento com mais três amigas por um tempo, e não deu certo. Meu filho nasceu, e eu morava na casa da minha irmã mais velha. Sei que fui pingando em algumas fases assim. Dos 17 aos 20, eu ainda estava pingando um pouco aqui, ali, não conseguia assumir um aluguel direito sozinha, e recebi uma proposta de uma amiga de ir para Portugal. Meu filho ficou com a minha irmã, uma delas, e eu fui passar quase um ano em Portugal. Eu precisava encontrar a Ana Paula, saber o que eu queria, porque tinha uma sobrecarga de coisas acontecendo na minha vida, e eu tinha que sobreviver. Morei um ano em Portugal, e foi quando eu decidi voltar e falei, "não, eu tenho que voltar. Eu tenho meu filho. O pai dele já não tem contato com ele, é super pouco. Tenho que assumir e caminhar", foi quando voltei de Portugal. Eu ainda fiquei uns meses na casa da minha irmã, e depois de um tempo comecei a namorar um rapaz, e ele me ajudou a alugar o meu primeiro apartamento, que era uma kitnet no centro, na Santa Cecília. Eu fui para lá com um colchão, quatro pratos, duas almofadas, um fogareiro, e foi assim que eu comecei a minha vida, comecei a encontrar paz novamente no meu canto.

P/1 – Aconteceram muitas coisas na sua vida. Eu vou voltar um pouquinho, tá bom?

R – Okay.

P/1 – Como era a sua relação com a sua mãe? Você lembra de algum momento entre vocês duas que até hoje fica na sua memória?

R – Lembro. Minha mãe era professora primária, e dava aula em uma escola lá no Aeroporto. Às vezes ela ia dar aula e me levava junto. Os alunos gostavam muito da minha mãe, então conseqüentemente, como filha da professora, me amavam. Tanto que ela tinha alguns alunos que iam em casa aos finais de semana, e passavam o final de semana em casa, jogando cartas, a gente jogava buraco, eu, ela, meu pai, aluno, irmão... Eles escreviam bilhetezinho de amor para ela, como professora. Depois que minha mãe morreu... Era uma escola bem grande chamada Leonor Quadros, e ocupava um quarteirão inteiro. Algumas pessoas que conheciam a minha mãe... Essa escola foi dividida em duas. Uma parte ficou com o primário, e outra parte ficou com colegial. Na parte do primário, decidiram dar para essa escola estadual, o nome da minha mãe. Então ele leva o nome dela, ficou Professora Iolanda Bernardino Robert. Foi emocionante, porque quando ficamos sabendo que iriam fazer isso na escola, eu já tinha uns 14 ou 15 anos. A gente só teve coragem de visitar a escola muitos anos depois, eu e meu irmão. Quando chegamos na escola, com as crianças com o nome dela na camiseta, as iniciais do nome, os dois começaram a chorar, como dois idiotas na escola. Acho que assim, eu até aceitei fazer essa proposta do Museu da Pessoa, porque minha mãe... A gente tem tão pouca... Pouquíssimas coisas, poucas lembranças... Está certo, não existia informática, não existia... A gente tem fotos, mas histórias mesmo, é pouca coisa que nós temos. Acho importante o resgate da história das pessoas. "De onde eu vim? Para onde eu vou?", acho que isso é bem importante.

P/1 – Linda essa história. E para você, como foi ser mãe aos 17 anos? Me conta um pouco.

R – Foi confuso, né? Porque imagina ficar grávida aos 17 anos de idade. Era o meu primeiro namorado. Do dia para a noite, quando fiquei grávida, ele passou por um processo meio complicado também de doença, e foi se afastando, então assumi essa gravidez sozinha. Quando meu filho nasceu, ele registrou, mas teve pouco contato com o Arthur, e só foi resgatar o contato anos depois, quando meu filho já estava com sete ou oito anos de idade. Hoje meu filho tem 33 anos, e tem contato com esse pai. Hoje eu sou avó, tenho dois netos. Esse pai vai de vez em quando em casa ver as crianças, os netos dele. Mas quando você é adolescente, tudo é complicado. O namoro que não dá certo é complicado, tudo.

P/1 – Como é o nome do seu filho?

R – Arthur.

P/1 – Você teve o Arthur... Conta o que aconteceu depois. Você foi para Portugal, como é que foi?

R – Então, eu fui para Portugal, fiquei esse ano lá, e ele ficou com a minha irmã. A gente se escrevia, ela mandava fotos do Arthur... Se fosse por mim, se eu não tivesse meu filho, eu teria ficado lá. A vida que eu tinha lá naquela época, era muito mais fácil do que a vida que eu tinha no Brasil. Lá, eu trabalhava em bar, trabalhava com pesquisa, morava em um apartamento legal, entendeu? Era fácil alugar apartamento, era só chegar, "quero alugar", dava um depósito antecipado, e pronto, não precisava daquela burocracia que tinha aqui, ainda mais na minha condição que não tinha um bom salário. Nossa, era complicado. E aí, você tem que pedir para fiador aqui no Brasil. Só que assim, a saudade foi apertando principalmente em relação ao meu filho. Falei, "não, eu tenho que voltar, está na hora de assumir o meu papel de mãe". Foi quando eu voltei, um ano depois, morei alguns meses na minha irmã, mas foi o que comentei, logo depois consegui alugar um apartamento, essa kitnet. Era uma kitnet de 25 metros, mas para mim era uma mansão, era onde eu tinha paz. Morei por dois anos nesse apartamento. Depois desse tempo, comecei a trabalhar. Fazia um bico aqui, outro ali, dava aula particular, trabalhava em bar no final de semana, já pagava o aluguel sozinha, e aí as coisas foram melhorando até profissionalmente. Depois de um tempo, eu só continuei trabalhando em uma empresa, e aí eu saí de Santa Cecília e fui morar na Zona Norte. Eu já estava com uns 22 anos de idade. Depois de um tempo, conheci um outro rapaz, em um mês a gente começou a morar junto, e estamos juntos até hoje, há 25 anos, que é o Daniel. Não tive filhos com ele, porque ele fala que o filho que queria ter já veio pronto, que é o Arthur. Então estamos juntos até hoje.

P/1 – Fala um pouco dos seus estudos nessa época. Como você terminou o ensino médio, como foi?

R – Como assim, a prioridade para mim era trabalhar e pagar aluguel, nessa época eu não consegui fazer a minha faculdade. O que aconteceu? Eu tenho primas que até diziam, "hossa, você mora sozinha, é meu sonho", mas eu não tinha opção, ou eu tinha que morar sozinha, ou eu tinha que morar sozinha. Lógico, o dinheiro que entrava era para pagar aluguel, era para pagar comida, quase não sobrava para pagar faculdade. Eu sempre fazia um curso ou outro, era curso de departamento pessoal, curso de secretariado, cursos pequenos que fui fazendo dos meus 21 anos

até os meus 29 ou 30, mas sempre tive o sonho de fazer a faculdade. Como eu vim dessa origem, minha mãe professora, do lado do meu pai... Meu pai não se formou, mas ele tinha o comercial, que falava na época. Eu tinha minhas tias, que uma vez Pedagogia, a outra fez Psicologia, minha irmã mais velha fez Psicologia, meu irmão mais velho tem três faculdades, minha outra irmã secretariado, então... E era uma coisa que eu sempre gostei. Quando cheguei... Voltando só um pouquinho, como te falei, eu conheci o Daniel, a gente casou e a vida começou a estabilizar. Depois de um tempo, quando eu já estava com... Depois dos 30 ou 32 anos, quando eu já estava mais estável financeiramente, fui fazer uma faculdade de Gestão Financeira. Eu e meu marido fizemos juntos, então a gente estudava junto, trabalhava junto, ficávamos 24 horas por dia ligados. Depois eu fui fazer uma pós de Comércio exterior, e recentemente eu estava fazendo mestrado em Administração. Ainda têm mais algumas coisas que quero estudar, porque gosto. Quero fazer Pedagogia, quero fazer um curso na área da saúde... São coisas que eu gosto de fazer.

P/1 – Quando você conheceu seu marido?

R – Quando eu conheci? Quando eu vim morar na Zona Norte, trabalhava em uma cooperativa, na área financeira, e ele também trabalhava nessa cooperativa, então foi lá que a gente se conheceu. Mas eu namorava um outro rapaz, ele namorava uma outra moça. Um dia, eu já tinha terminado com esse rapaz, ele e essa moça também já tinham terminado, a gente se encontrou, e começamos a sair. Como ele era filho único, e também tinha uma história parecida de que a mãe dele faleceu quando ele tinha 10 anos, então muita coisa a gente tinha em comum. Em um mês, estávamos morando juntos, e um ano depois casamos na igreja com o meu filho levando as alianças.

P/1 – Como foi esse dia do casamento? Conta para nós.

R – O dia do casamento?

P/1 – É, como foi esse dia, como era o seu vestido, como você se sentiu. Se você puder contar um pouquinho desse dia...

R – Foi assim, meio complicado, porque eu fui pedida em casamento... Não esperava. A gente foi conhecer uma igreja, e ele me pediu em casamento na frente do padre. Na minha cabeça, eu já tinha tirado de cogitação que eu iria casar. Eu já estava com 24 anos, com uma história de vida, como você falou, complicada, cheia de coisas. Falei, "meu Deus, vou casar, estou sendo pedida em casamento". Eu sempre achei muito bonito homem cabeludo. Só que assim, por várias questões, eu sempre aparentei ser muito mais velha do que eu era, porque eu era muito responsável, então só se aproximavam de mim homens muito mais velhos, e meu marido tem cara de novinho, embora a gente tenha a mesma idade, e ele tinha o cabelo pela cintura, tocava guitarra, mas só tinha essa "cara de mau", que a gente fala, porque é um cara super família, super recatado, trabalhador, e então eu falei, "esse é o cara. É o cara que não me prometeu nada, e está me dando tudo, que está do meu lado todos os dias". Eu fui fazer o vestido lá na rua das noivas. Na época, eu estava trabalhando, tinha o meu salário, não era nada de outro mundo, mas fiz um vestido simples, não queria nada com muito enfeite, com muita coisa. A gente decidiu se casar em uma igreja que tem na Zona Norte até hoje, que é em frente a uma pracinha. Como não tínhamos muito dinheiro, eu trabalhava e ele trabalhava, decidimos não fazer festa. Se é para fazer só para meia dúzia, não faz para ninguém, e tudo bem. A gente alugou o fraque dele, o do meu filho... Eu lembro de uma frase que ele falou de seis para sete anos, "onde nós três vamos passar a lua de mel?". Na verdade, não teve nem lua de mel, porque um ou dois dias depois, eu já estava trabalhando, ele também, e vida que segue. Foi o marco de uma família, de uma história.

P/1 – E como é a relação dele com o seu filho?

R – Então, o que aconteceu? Desde então, ele assumiu o papel de pai do meu filho, tanto que meu filho por alguns anos, assinava o sobrenome Neto, que é do meu marido - assinava Arthur Robert Kissuani Neto. Meu marido gostava de videogame, meu filho de videogame. Meu marido gostava de bicicleta, meu filho gostava de bicicleta. Um tempo depois, um ano e meio depois, meu sogro faleceu, mas acho que faleceu feliz, sabendo que o filho dele estava sendo bem cuidado, tendo uma família. E aí, foi o que contei para você lá atrás, meu filho foi procurar retomar o contato com o pai dele. Ele começou a retomar contato, quando tinha sete para oito anos, que foi a época em que casei. Aí volta a interferência do pai na vida dele, a ter contato com o pai. Acho que ali ele começou a ficar um pouco dividido, "meu pai e meu padrasto". E meu marido sentiu um pouco também isso, sabe? Porque ali ele já começou a fazer o papel de padrasto. Mas durante um certo tempo, foi uma relação assim... Falo que são os homens da minha vida. Uma relação de cumplicidade. Depois de um tempo, quando o Arthur tinha 14 anos, ele foi morar no Sul, porque eu achava que... Como eu tenho uma irmã, a mais velha, que morava no Sul, então eu achava que ele teria melhores estudos lá. O que eu pagava em uma escola lá... Se aqui hoje, uma escola está R\$1.200,00, lá você paga metade do preço, entendeu? Ele foi morar um tempo com ela, lá em Joinville.

P/1 – E você trabalhava com o que nessa época? Como era?

R – Então, eu trabalhei por alguns anos em uma cooperativa, onde eu e meu marido nos conhecemos. Depois de um tempo, ele saiu dessa cooperativa. Trabalhei em algumas empresas, e entrei em uma empresa em 1999, onde fiquei por 18 anos. Trabalhei na área financeira, na área administrativa, fui responsável por todo o escritório. Comecei com a empresa, ela tinha 40 funcionários, e chegou a ter 500. Fiquei por 18 anos lá. Foi onde assim, nessa época eu fui fazer faculdade de Gestão Financeira, depois fui fazer uma pós-graduação de Comércio Exterior, então eu tive várias promoções, tinha um cargo de confiança. Meu marido trabalhava comigo também na área financeira, e depois de um tempo, ele foi comigo para essa empresa e ficamos trabalhando juntos.

P/1 – Isso depois da sua faculdade de Gestão Financeira?

R – Mais ou menos na época da minha faculdade, isso.

P/1 – Como foi fazer a faculdade? Me conta um pouco dessa época.

R – Ah, para mim era um sonho. Esse sonho eu tinha que ter realizado lá atrás, mas por várias circunstâncias da vida, eu não consegui realizar na fase de 21 ou 22 anos. É uma coisa que eu sempre quis fazer. Em tudo que me dedico, me dedico de corpo e alma, então a faculdade foi também de corpo e alma, foi bacana.

P/1 – Tem alguma história dessa época de faculdade que você viveu?

R – História, história, assim... Quando eu entrei, meu marido também entrou comigo, então nós fazíamos faculdade juntos e trabalhávamos juntos, estávamos na mesma sala. O pessoal da sala zoava, não acreditava que marido e mulher ficavam juntos 24 horas por dia. Na época, a gente já tinha mais de 10 anos de casamento. Falavam, "ih, esses daí logo vão se separar", então eles... A gente sempre tinha uma matéria nova, o professor pedia para se apresentar, e quando um se apresentava e o outro se apresentava, era zoado na classe, era sempre assim. Acho que a diferença de você fazer uma faculdade mais velha e fazer mais nova, é que quando você é mais nova, você pode se dedicar só aos estudos. Se você tem essa consciência, acho que você absorve muito mais. Quando você faz mais velha, já tem um trabalho... Na época, o meu trabalho já exigia uma responsabilidade, então ficava um pouco limitado. É uma fase complicada.

P/1 – Como você conciliou faculdade, maternidade, casamento e trabalho? Conta um pouco.

R – Então, nessa época em que estávamos fazendo faculdade, meu filho ainda estava morando em Joinville, já estava terminando o colegial, então em relação à maternidade, foi até um pouco tranquilo, porque a responsabilidade estava lá para a minha irmã. Quando era feriado ou alguma coisa, eu viajava para Joinville para ver meu filho. Na questão do esposo, como nós fazíamos faculdade juntos e trabalhávamos juntos, já estávamos em sintonia. Os meus amigos de faculdade eram os dele, então era essa relação. É lógico, na questão profissional, como eu já exercia um cargo de confiança, o diretor apoiava a faculdade. Lógico, era 24 horas por dia ligada na empresa, tanto sábado quanto domingo, então essa fase dos 30 e poucos, essa fase da faculdade, era assim, levando problema da empresa para casa. Não existia casa, não existia empresa, e faculdade, era uma coisa só. Durante algum tempo, foi uma coisa só.

P/1 – Agora me conta um pouco da sua trajetória profissional nesta empresa. Qual era esse cargo de confiança que você exercia?

R – Então, eu era responsável pelo setor financeiro, aprovava todos os pagamentos da empresa, pagamentos pessoais também dos diretores, então o fluxo de caixa, a folha de pagamento... Não tinha nenhum controle acima. A minha rotina era basicamente essa. Foi o que comentei com você, era uma empresa com 40 funcionários que cresceu para 500. Ela só tinha... Quando começou, era em São Paulo, e aí abriu filial em tudo que era canto do Brasil e tudo mais. Ela absorveu boa parte da minha vida, tanto a mim quanto ao meu marido. Eu era bem recompensada financeiramente. Depois de um tempo, começamos a conquistar coisas materiais que não tínhamos, um carro, depois um carro um pouco melhor, meu marido gosta de moto e já tinha, aí comprou uma moto um pouco melhor, depois viajamos para os Estados Unidos duas vezes... Então nos proporcionava isso.

P/1 – Você falou que tinha um cargo de confiança e a empresa cresceu bastante. Você encontrou alguma dificuldade nesse trabalho por ser mulher?

R – Por ser mulher, eu acredito que não. Não sei te responder, mas acredito que não. Eu sempre pensei assim, "ah, se fulano é capaz, eu também sou capaz, e não estou muito preocupada com o que as pessoas pensam, com o que as pessoas acham", entendeu? Se teve algum preconceito no meio do caminho... Acho que até eu chegar nessa empresa, não. Agora, antes dessa trajetória, eu tive, porque tive filho muito cedo, então às vezes passava pelo processo seletivo de uma empresa legal e, "ah, mas você tem um filho, nossa", estão as pessoas falando assim, com desdém ou como se eu não fosse cumprir com o cargo que eu estava indo atrás. Eu sempre fui muito responsável, então tive muitos julgamentos precipitados, vamos dizer assim. Nessa empresa, não. Durante muitos anos, o dono dessa empresa confiou, e confiava cegamente mesmo em tudo. A gente era o braço direito dele. Depois de um tempo... Isso eu sempre soube, não existe felicidade eterna, entendeu? Você vai ter altos e baixos. Quando começa a chegar muita gente, começa a época das invejas, de puxar tapetes, e a coisa começa a se abrir muito. A empresa não era mais uma empresa que estava crescendo, ela cresceu sem estrutura, na verdade. Tanto que ela foi à falência. Ela começou a tomar um outro rumo e minha vida dentro dela também mudou, porque aí você tem que lutar com coisas assim... O financeiro é um departamento... Não é mal visto, mas é aquilo, se dá para fazer, dá, se não, ele não tem... É diferente do departamento de vendas. O de vendas conta uma história... Não, o financeiro... Às vezes o dono ou o gerente não quer escutar isso, que não tem dinheiro em caixa, que se você pegar empréstimo bancário, você vai se ferrar, entendeu? Então você não é muito bem visto, você é um custo dentro da empresa. A empresa começou a tomar outros rumos, se endividou financeiramente, e aí você começa a não ser mais bem visto. Começaram as puxadas de tapete, veio a auditoria... Mas tudo que fazíamos, era o dono que delegava, então a questão da honestidade sempre foi, mas a administração não estava nas nossas mãos. A gente também era pau mandado. Infelizmente essa empresa depois de um tempo veio à falência. Fechou da mesma forma que abriu, fechando as filiais do Brasil inteiro. Ela foi diminuindo o quadro de funcionários, demitindo muita gente, então eu passei por períodos de alegria, mas período de tristeza, porque fui uma das últimas pessoas a sair, e vi muitos amigos da antiga serem demitidos, entendeu? Quer dizer, você vai vendo todos. No final, vai ficando meia dúzia, até que chegou ao fechamento dela.

P/1 – Eu vou perguntar um pouquinho mais sobre isso depois, mas eu queria saber mais sobre quando seu filho voltou de Joinville. Quantos anos ele tinha?

R – Então, quando ele foi para Joinville, ele tinha de 14 para 15 anos, e voltou com 21 anos de lá. Ele fez o colegial e começou a fase de faculdade de Biologia Marinha, mas parou. Ele começou uma fase de sair muito e dar dor de cabeça, e eu comecei a pressioná-lo para ele voltar para São Paulo. Ele não queria, mas era o meu filho, novamente eu tinha que assumir esse meu filho, e aí ele voltou para São Paulo.

P/1 – Como foi a volta dele?

R – Meu filho sempre foi o amor da minha vida. Acho que amor nenhum se compara ao de um filho. Você tem o amor de mãe, o amor de pai, o amor de marido, mas o de filho, é sua carne, é seu sangue, e você dá a vida por ele. Ele voltou e já era um homem, já estava entrando na idade adulta. Tinha o meu marido ao meu lado, e aí começou uma outra fase, porque até então a minha vida aqui estava mais calma. Aos 20 anos ela começou a ficar um mar de calma, e aos 30 e pouco começou a ficar um mar de turbilhão de novo, por que? Porque meu filho começou a não querer dividir essa mãe, que sou eu, com meu marido. Eles começaram uma coisa dos dois dependerem de mim, dos dois quererem atenção, e aí meu filho começou uma outra fase na vida dele, que ainda não se resolveu, que é uma fase que atinge todo mundo da família. Ele começou a sair muito, começou a ter um monte de amizades, e começou a fazer uso de drogas. Aí começou uma nova fase nebulosa na minha vida, mas com muito aprendizado.

P/1 – Vou perguntar, mas se você quiser passar, tudo bem. Como você descobriu que ele estava se envolvendo com drogas? Você lembra como foi esse momento?

R – Lembro, lembro, porque assim, boba eu nunca fui. Soube que ele ia usar, experimentar, mas achei que fosse uma fase e que iria passar, só que quando ele voltou a morar comigo em São Paulo, essa fase não passava. Um dia eu descobri na internet que tinha um teste que você fazia, em que você pegava o cabelo ou a unha da pessoa, mandava analisar e dava o que ela estava consumindo. Até ali, conversando com a minha irmã, nós tínhamos suposições. Eu peguei o cabelo dele e mandei fazer esse teste. Na época, eu paguei muito caro, e aí deu o que ele consumia e a quantidade que ele consumia. Ele já estava com 21 anos, e a casa caiu para ele. Não tinha como negar, o teste estava ali, e nós começamos o processo de correr atrás de tratamento. Passa por vários psicólogos, passa por vários psiquiatras, gasta rios de dinheiro, paga terapeuta, ele falta em consulta... Bom, isso foi se arrastando. E aí, meu marido começou a ficar invocado com isso, mas assim, eu escondi dele por dois anos essa fase em que ele estava usando drogas. Só que ele estava trocando o dia pela noite. Meu marido não aguentou, pôs ele para fora de casa, "vamos ver se ele vira homem". Eu ainda ganhava bem, e como mãe, "tenho que ajudar", Comecei a pagar aluguel para ele, mobiliar a casa e tal. Depois de um tempo, a namorada dele foi namorar com ele, e ainda assim, ele arrumava um emprego, ficava três ou quatro meses, não dava certo e saía. Enfim, essa fase foi... A cada ano que passava, ele não tinha mais como negar, e a gente pagando tratamento, e ele faltando. Essa fase foi se estendendo dos 22 aos 27 anos. Com 25 anos, ele estava trabalhando em um restaurante, e quando estava com 27 anos, foi demitido, e entrou em um processo de consumo bem grande. Foi outra fase da minha vida em que eu tive que entrar em um mundo que também não conhecia, que é o mundo da dependência química. Até então eu só ia ao terapeuta, psicólogo, e tal. Aí foi quando eu me vi em um grupo de apoio. Primeiro eu frequentei o Nar-Anon, que é para familiares de dependentes químicos, mas eu não gostei, e depois eu comecei a frequentar o Amor Exigente e fiquei por cinco anos neste grupo, que também dá apoio para familiares de dependentes químicos e para dependentes químicos. Foi quando eu entrei de cabeça no mundo das drogas, de internação, de clínica terapêutica, de recaída... Eu falo que só não fui na Cracolândia, porque no dia em que estava marcado de eu conhecer e um amigo iria me levar, teve um motim da polícia e eu não fui, mas eu conheci muitas mães que tiveram seus filhos lá, e tiveram que resgatar. Eu, graças a Deus, ainda não passei por isso, mas é um processo muito complicado.

P/1 – Eu queria te perguntar quais foram as principais dificuldades de ter um adicto na família?

R – De aceitar que eu tenho um adicto na família. A minha maior dificuldade é vencer o preconceito, porque assim, até então, apesar de ter mudado de classe social quando era criança, de ter frequentado cortiços e outros lugares, eu não tinha contato com a dependência de drogas, eu não tive nenhum amigo dependente de drogas, e nem na família. Na minha época, às vezes foi um porre que tomei. Na minha adolescência, com maconha você vê um ou outro. Na época, eu trabalhava no banco, e dei uma festa. Quando entro no quartinho de empregada, o pessoal está lá com um prato cheirando cocaína. "Ah, a gente guardou uma carreirinha aqui para você", "não, obrigada", porque eu sempre tive medo que se eu fosse experimentar... Eu já tinha perdido muita coisa, então achava que não iria conseguir sair dessa, então meu contato com drogas foi quase nulo. Mas eu lembro de uma fase que me marcou muito, voltando um pouco, nessa fase em que eu trabalhei no banco, eu fui na festa de uma amiga minha e ela fez um bolo para o filhinho dela de três anos de idade. Eu sabia que o marido dela tinha problemas com drogas já há um tempo, só que não sabia como era isso. De repente começou a sumir todo mundo da festa e deixaram as crianças sozinhas no salão de festas. Eu fui com uma outra amiga buscar a bolsa, "cadê todo mundo da festa? Só estavam as crianças". E aí, quando cheguei nessa sala, estava todo mundo usando drogas. Quer dizer, largaram as crianças no salão de festas, e estava todo mundo lá, usando cocaína no apartamento. Você leva um choque, "poxa, mas a festa está acontecendo lá. Eles largaram as crianças". Quando eu tive que fazer parte de um grupo e fui conhecer... Porque assim, a psicóloga falava, a terapeuta falava, porque no meu mundo, eu não tinha ninguém... Das minhas amigas, os filhos estavam indo para a faculdade. Você não tem com quem desabafar sobre isso e falar, "não, meu filho está usando drogas". Eu fui aconselhada pela psicóloga, "além de você, existem outras pessoas que também têm esse mesmo tipo de problema", e aí eu fui conhecer esses grupos de apoio. Foi muito complicado, porque você saber que seu filho é um adicto, aceitar... Hoje eu ainda convivo com isso, ainda convivo com esse problema, ele ainda não está totalmente recuperado, ele já teve quatro internações, ainda não trabalha. O que ele faz? Hoje ele produz marmitas. Depois que fiquei desempregada, comecei a desenvolver marmitas caseiras, porque ele fez Gastronomia, então às vezes a gente se ajuda. Só que você vê que ele era uma pessoa sensível e carinhosa... Até hoje é, mas tem muitos altos e baixos. Mais baixos do que altos. Essa fase de aceitação para mim, acho que foi a mais complicada, a mais complicada mesmo.

P/1 – E como isso impactou a sua família e o seu casamento?

R – Ah, impacta em tudo, né? Primeiro financeiramente, porque na primeira internação do meu filho, eu não conhecia nada de clínica de apoio, foi antes de eu começar no Amor Exigente. Eu acabei internando... Teve uma vez que ele sumiu por dois ou três dias e eu fui pegá-lo em um biqueira, e falei, "bom, agora tem que internar". Eu só tinha ido conhecer uma clínica, e essa clínica para onde ele foi, era uma clínica cara a princípio. Existem clínicas muito mais caras, mas era uma clínica com valor de R\$5.000,00 por mês, e era uma internação de três meses. Falei, "acho que o problema maior do adicto é aqui fora, não lá dentro, não quero que ele fique meses internado". Ele ficou nessa clínica, mas esse valor

de R\$15.000,00 se transformou no final em R\$25.000,00. Era sempre mais alguma coisa no final do mês. Na época, eu também estava fazendo terapia, e eu me sentia... Quando ele saiu, estava três meses limpo, e lógico, eu sabia que não iria sair um santo, que seria todo um processo. E aí, ele tinha mais três meses para fazer o tratamento aqui fora. Ele fez o tratamento fora e tudo, mas depois de um tempo, voltou a usar esporadicamente, então ele voltou para a estaca zero. Só que durante essa internação, eu conheci o Amor Exigente, e conheci outras clínicas, outros processos de internação, outras coisas que até então eu não conhecia.

P/1 – Conta um pouquinho sobre esses grupos de apoio.

R – Então, na primeira vez em que fui Nar-Anon, de familiares, que foi logo assim que internei meu filho, achei muito pesado, porque são pessoas que se reúnem em uma sala, seis, oito ou dez pessoas em uma roda, lêem uma parte do livro, e cada um fala daquilo que está lhe afligindo. Então eu termino, não tenho nenhuma devolutiva, a do lado fala, o do lado fala, a do lado fala... E quando eu fui no Nar-Anon, o que senti? Tudo bem, eram pessoas que estavam passando pelo mesmo problema, algumas mais ou menos tempo, mas muita gente trazia muita angústia, por aquilo que estava passando. Então tinha gente que falava que odiava o filho, gente que falava pela situação, a outra falava que o filho estava na rua e não sei o que... Geralmente o que você ouve mais é sobre filho, porque é a mãe que vai procurar. Um ou outro fala do pai que tem problema, mas geralmente são mães que vão procurar. Eu só pensava, "gente, eu não odeio meu filho, eu amo meu filho. Meu filho não é o bicho que as pessoas estão falando. Ele tem um problema, tem uma doença, mas não é isso de ruim", por isso que não gostei. Depois de um tempo, fui ao Amor Exigente, e lá é diferente a dinâmica. Eles também dividem em grupos e você expõe seu problema caso queira falar daquilo que te afligiu na semana, só que você tem uma devolutiva. Se alguém quiser comentar alguma coisa, sempre comenta... Então, eu achei mais tranquilo. Foi o que te falei, como tudo que faço é de cabeça, comecei como ouvinte, depois juntei e comecei a coordenar um grupo de Amor Exigente para familiares e fiquei um tempo. Primeiro, eu queria ir em um grupo bem longe da minha casa, para que ninguém me conhecesse, então comecei a frequentar um grupo na Lapa, depois em Santa Cecília, e depois de um tempo, em que já estava mais apropriada, Comecei a frequentar um grupo na Zona Norte. Nesse grupo, eu comecei a conhecer, porque não é todo grupo que tem o grupo da família e da sobriedade no mesmo local. O da sobriedade é dos adictos que estão procurando uma recuperação, e aí eu comecei a ter mais convivência com os que estão buscando uma recuperação. Como sempre fui uma boa ouvinte, comecei a escutar o sofrimento deles, escutar o sofrimento da família. Durante um ano eu participei também de um grupo em que eu buscava vaga para as famílias, vagas para internarem os filhos. Então, eram vagas, resgates, tudo relacionado à dependência química. É lógico que meu casamento quase acabou, porque assim, eu estava enlouquecendo. Como meu marido falava, já não bastava os meus problemas, os nossos problemas, eu estava... Vira e mexe era família de adicto em casa, era dependente químico batendo em casa, e meu marido tinha muito medo de que algo acontecesse comigo. "Você não sabe nem quem é o cara, e ele bate aqui em casa para te pedir ajuda. E se um dia estiver alterado? Já não chega o problema que tem com o seu filho?". Isso se arrastou até o ano de... Eu saí do emprego em 2017 para 2018, então foi até 2018. Eu fiquei cinco anos no Amor Exigente. No último ano, eu fui convidada para um grupo para trabalhar com crianças, para trabalhar a prevenção, e abri o grupo Amor Exigentinho. Mas nesse mesmo ano tive um amigo que estava ajudando muito um dependente químico que se suicidou, no ano seguinte outro amigo também, e eu decidi dar um tempo. São pessoas com muito potencial, pessoas super sensíveis, pessoas que vi que têm histórias lindas, vi histórias tristes demais também, ajudei pais dando abraço, aconselhando e ajudando a internar o filho, porque é muito difícil você internar um filho voluntariamente - filho ou filha. Na hora do "vamos ver", é uma decisão bem complicada. Até hoje vindo para cá... Ontem me ligou uma mãe me pedindo ajuda para o filho dela. Vindo no táxi, eu estava falando com ela sobre essa questão. Acho que faz bem ajudar ao próximo. Acho que assim, na minha trajetória de vida, por tudo isso que passei, eu sempre tive vontade de fazer voluntariado. Então assim, o voluntariado entrou na minha vida... Como eu trabalhava, na época estava na empresa a todo vapor, eu não tinha tempo, nem como. "Como vou fazer voluntariado? Vou bater na porta de alguém e falar que quero?", eu não me via nisso. Quando apareceu essa situação na minha vida, comecei a participar de grupos de apoio que são trabalhos voluntários, e a fazer voluntariado dentro desse grupo. Isso foi muito bacana, muito enriquecedor, porque a vida não é só dinheiro, não é só status. Quando você faz o bem para alguém, você tem um retorno muito melhor do que um retorno financeiro, é imensurável. Essa questão do voluntariado entrou na minha vida, eu falo que não foi por um acaso, mas foi na porta de uma situação ruim, que acabou trazendo alguma coisa boa.

P/1 – E o que participar desses grupos tão ativamente modificou em você?

R – O que modificou em mim?! Acho que modificou assim, a questão de que posso fazer o bem para o outro, posso ajudar ao outro, entendeu? Acho que de você acreditar que você sempre tem algo de bom para oferecer, você pode fazer a diferença na vida de uma pessoa, acho que essas coisas ficaram muito latentes. Eu falo que se eu pudesse um dia, eu só viveria de voluntariado, mas eu ainda tenho que ter minha carreira profissional, tenho que ganhar para pagar minhas contas, ainda tenho que concluir meus projetos. Dois ou três anos atrás, eu ganhei uma bolsa de mestrado e entrei com um projeto de mestrado. Estava fazendo e ainda não concluí, então têm algumas coisas que eu ainda quero. Com tudo isso, por exemplo, esse ano eu dei aula em uma escola para imigrantes e refugiados em uma ONG. Não tem coisa... Você ver gente que atravessou o outro mundo, gente que estava vivendo na Síria, gente que estava vivendo em guerra, que sai e larga tudo no seu país e você está dando aula de Português para essas pessoas. Você está vendo histórias de vida, você está dando um pouco de esperança. Você fala, "poxa, eu sofri, estou passando ainda a situação com o meu filho, mas fulano sofreu muito mais do que eu, fulano viu a família dele ser destruída por conta de uma bomba, uma guerra, questões ideológicas, questões políticas". E você não está vendo pela televisão, Você está conhecendo pessoas reais. Acho que isso é importante.

P/1 – Eu queria saber quais tipos de preconceito você enfrentou por ter um adicto na família, dificuldades...

R – Acho que isso eu enfrento até hoje, infelizmente. As pessoas julgam, mesmo no emprego em que fiquei por anos e tive muitos bons momentos. Os diretores eram pai e filho. O pai entendia muito bem a situação, e o filho, não. Ele dizia, "seu filho não tinha o direito de fazer o que fez com você", como se ele achasse que a dependência química era assim, de ele não querer mais ser dependente químico e não querer mais fazer burrada, e não é, vai contra a vontade dele. Vai de um processo de amadurecimento do meu filho, de uma hora se encaixar em um grupo de apoio, de não tentar sair da dependência química sozinho - porque ele ainda está nessa de "sozinho eu consigo", e por isso ele tem muitas recaídas. Só que ele sabe que fez e faz mal para ele, mas sozinho ele não consegue. Então, eu tive preconceito profissional, preconceito até das

peçoas olharem e julgarem. Por exemplo, até a família do meu marido, um parente que queria muito bem, ficou sabendo e, "opa, na minha casa não entra mais", então tem esse tipo de preconceito sim.

P/1 – E como é a relação com o seu filho?

R – A minha relação?

P/1 – Sim.

R – Então, eu tive que me transformar... Eu sempre fui uma mãe muito amorosa, e tudo que é demais estraga, acho que até amor demais estraga, tudo tem que ter um limite. Então, eu tive que me transformar em uma mãe um pouco mais dura, uma mãe que cobra limites, uma mãe que tem que falar as verdades... Ainda assim, quando ele não está em uso, quando não está na ativa, ele continua sendo meu companheiro e aquela pessoa sensível, mas ele não consegue ainda ficar naquele equilíbrio, são muitos altos e baixos. Se ele tenta segurar por dez dias, você pode ter certeza que dois dias depois, ele vai sair, vai sumir, vai recair, e é aí que o bicho pega.

P/1 – E nessa sua trajetória com os grupos de apoio, o Amor Exigente e o amor Exigentinho, tem alguma história que te marcou com alguma família ou com o seu filho, e que você possa contar aqui para gente?

R – Ah, acho que com família, no Amor Exigente tiveram várias, várias de você estar no grupo, chegar uma mãe, você ver o problema que ela está levando, ela nem saber que é droga que o filho dela está usando, e você chamar para conversar, para tomar um café, contar sua história... Eu sempre passei muita credibilidade para as pessoas, então elas viam assim, "hossa, se ela está tendo aquele problema, e falou que teve que internar o filho dela voluntariamente...", porque as vezes voltamos à questão do preconceito. Como eu não tive nem amigos, nem ninguém, só achamos que acontece com o outro, lá na favela, lá naquele lugar longe, não, mas acontece na classe média e na classe alta. É que as pessoas, muitas vezes, não se dão conta do que está acontecendo. Assim, eu tive que aprender... Fiz quatro anos de terapia... Eu fiz terapia algumas vezes na minha vida. A dependência química às vezes não é sobre se você fuma 15 baseado por dia ou se você cheira cocaína até vender o carro. Às vezes a pessoa fuma dois baseados em um dia, só que se no dia seguinte, ela não consegue levantar para trabalhar, para fazer uma faculdade, para correr atrás dos objetivos, e ela é um dependente químico. Não é só aquela pessoa que perdeu um carro ou apartamento cheirando uma carreira, cheirando cocaína. É aquele outro que deve para o traficante R\$30,00 ou R\$50,00 que também não consegue trabalhar, não consegue... Na dependência, a pessoa fica realmente aprisionada, ela não consegue fazer nada do mundo dela, não consegue dar sequência nas ações que quer fazer. Vi muitos jovens nisso, e acho que uma das coisas mais impressionantes é quando você chega em uma clínica de reabilitação e vê um rapaz ser internado à força. Ele está transtornado, o rosto dele, o semblante está consumido pela droga, pelo espírito, pelas influências. Quando passam os dias, principalmente no começo, uns 15 ou 20 dias, você vê esse rapaz na clínica, com o corpo se limpando, e vê um sorriso no rosto, o semblante que muda, e isso é impressionante. As pessoas contarem é uma coisa, agora você ver como muda, como o olhar da pessoa muda, é impressionante, então ela tem um poder muito grande. Eu tinha uma psicóloga que me ensinou muito sobre isso, porque eu não entendia o que a dependência química podia fazer. Eu falava, "se meu filho quiser sair dessa, ele sai, ele é um sem vergonha. Eu trabalhando e ele aqui, vai para uma balada, vai para outra e para outra", e essa psicóloga falava assim para mim, "o que ele tem dentro dele, é uma dor muito grande, então ele não está curtindo, ele tem uma dor muito grande e está procurando refúgio". Eu não entendia isso, então fui entender depois de muita terapia, desse processo da doença. Só que assim, por exemplo, teve um amigo que ficou até os 40 e poucos anos nesse processo. Hoje, já faz sete anos que ele está limpo, ele tem uma clínica, ajuda adictos e tem uma história linda, que dá esperança para muita gente. Os pais comeram o pão que o diabo amassou, mas ele conseguiu. Mas têm histórias terríveis também, que se perderam pelo caminho. Como eu tive um amigo que se suicidou e outros tantos. Acho que o mais prejudicado, infelizmente, é a pessoa que está no vício, que está no uso. Para ele é difícil, "poxa, por que eu não posso tomar uma cervejinha se ela toma?", acho que isso deveria ser discutido nas escolas desde pequeninhos, porque a droga está aí na esquina da sua casa, na porta da sua casa. Vai chegar na adolescência, seu filho vai usar, entendeu? Minha psicóloga falava assim, "não tem que falar que a droga é uma coisa ruim, a droga é uma coisa prazerosa", então tinham que mostrar desde o começo, "é prazerosa e vai ter dar um barato do caramba, mas com algumas pessoas pode acontecer isso, por conta de uma genética influenciada, uma probabilidade, uma propensão, e outras não". Devia ser discutido desde pequenininho isso.

P/1 – Quería perguntar também qual é a importância desses grupos de apoio para você.

R – Olha, para mim, é como você encontrar um grupo de pessoas com a mesma problemática que sobreviveram, ou que passaram por isso e te dão uma esperança. Porque quando você fala só no seu âmbito familiar, cada um te dá uma opinião diferente, "ah, coloca para fora, coloca para a rua, é um vagabundo", então opinião todo mundo vai ter e todo mundo vai dar. Só que para quem vive a situação, é diferente. Volta para aquela questão, nos Estados Unidos tem grupo de apoio para tudo, grupo de apoio para pessoas com câncer, grupo de apoio para pessoas que comem muito, grupo de apoio para quem ama muito, então acho que eles se tratam com uma forma mais consciente do problema. Acho que aqui no Brasil você mascara um pouco o problema, você disfarça, finge que não existe. "Ah, o grupo de apoio é nos fundos de uma igreja de não sei o quê", não, tinha que dar a cara mesmo. Acho que o adolescente só vê aquela coisa bonita, glamourosa. Aquele cara que morreu do Nirvana, foi um astro do rock, mas morreu e consumia drogas. Acho que o que envolve, deveria ser mais posto, não é "consumi, saí, hoje estou ganhando rios de dinheiro, sou cantor de rock famoso". Tem muita coisa que não é falada, então fazem um glamour muito bonito, e muita gente se perde no caminho. A Amy Winehouse também se perdeu, e era uma moça linda, com talento. Você vê o estado em que ela chegou e a forma que morreu. Acho que isso é algo que tinha que ser mais discutido. O grupo de apoio é muito importante sim na vida das pessoas.

P/1 – Eu queria perguntar para você, além da terapia, como é que você fazia para se cuidar nesse processo todo?

R – Em relação à dependência química? Eu comecei a fazer muita terapia, foi muito material que fui buscar no Google, na internet, muito depoimento... Antes o Google não era tão travado assim, então você pegava muito depoimento de gente que tinha sido internada, de mãe de



adicto, de clínica terapêutica e você ia montando o quebra-cabeças. Foi assim que eu fui construindo minha rede de proteção. Quando comecei, quando meu filho teve a primeira internação... Não, foi em 2014. Mas em 2016, quando teve a segunda internação dele, comecei a entrar mais nos processos dos adictos, porque antes eu mal tinha coragem de olhar para a cara deles. Eu já estava entendendo mais, já estava no grupo de apoio, e comecei a ver como é que as pessoas se transformam quando ficam em uma internação. Eu não acreditava em internação, então quando interneei meu filho pela primeira vez, foi com muita reluta. Depois, fui ver como se transformam, como o semblante muda, e comecei a fazer muita amizade com adictos, comecei a conhecer... Porque existe diferença entre clínica e comunidade terapêutica. A maioria dos donos de comunidades terapêuticas são ex adictos, adictos em recuperação na verdade e ex-dependentes químicos que estão ali para fazer o bem para outros. Antes, na minha cabeça, isso não entrava. Eu falava assim para a minha psicóloga, "como um drogado vai cuidar do outro? Você quer dizer que o meu filho vai ser um "Zé ninguém" a vida inteira? Isso começou a mudar na minha cabeça. Você começa a conhecer médicos, professores, pessoas de várias profissões, ou mesmo que não tenham profissão, que estão lutando contra a doença, porque existe sim uma camada grande da população que está lutando, que nasce com essa predisposição. Como é uma coisa feia, como se fosse uma lepra em outro tempo, as pessoas não querem falar, porque ninguém quer falar de coisa ruim. É mais fácil rotular, "é um sem vergonha, é isso ou aquilo", mas elas não entendem a diferença de uma pessoa consumir hoje drogas, trabalhar e ter suas atividades normais, e outra que não consegue. É muito mais fácil rotular aquilo que não conheço.

P/1 – Vou fazer essa pergunta, e depois o Maurício vai entrar para fazer umas perguntas para você também. Eu queria que você explicasse com a sua experiência o que é ser um adicto, por tudo o que você viveu com o seu filho.

R – O que é ser um adicto? Um adicto para mim, é uma pessoa que não tem controle sobre uma determinada situação. Por exemplo, além de drogas, têm pessoas compulsivas por trabalho. Em uma fase da minha vida, eu fui adicta pelo trabalho. Eu vivia 24 horas por dia trabalhando, então é uma compulsão, você não consegue dar um limite para uma determinada situação. Agora, lógico, quando você é um compulsivo por trabalho, você está deixando alguma coisa de lado. Você está deixando a família de lado, está deixando os filhos de lado, então alguma coisa vai ficar desfavorável. Tem gente que é compulsiva por sexo, então faz sexo por fazer e tem que fazer várias vezes por dia ou com várias pessoas, então é uma complicação. E o adicto por drogas, que além de ter essa compulsão primária, está fazendo o uso de substâncias que estão prejudicando o corpo dele, o organismo dele. Acho que é pior ainda. Nos grupos falam que uma das drogas mais potentes e mais prejudiciais, eles ainda classificam como o álcool. Porque os adictos dependentes de álcool saem em cada esquina e têm dois ou três bares. Têm que se segurar muito para não entrar. Acho que qualquer tipo de droga... Remédios. Têm dependentes químicos de remédios, que tomam cartelas e cartelas. Eu não acreditava que isso existia, que era mais o barato da droga para anestesiá-la a situação. Você está colocando alguma... Além de você ter essa compulsão orgânica e cerebral, você está colocando alguma coisa que ainda está fazendo mal ao seu organismo. E assim, o que falo dessa vivência, desse período que é um período de muito aprendizado, onde conheci pessoas muito sensíveis e com muito potencial, é que infelizmente não existe uma fórmula, não existe um remédio para falar, "você vai tomar e ficar bom". É o processo de cada um, por isso que esse processo é lento e de muitas recaídas. Alguns não, às vezes na primeira internação descobrem esse processo e... Só que tem que levar as regras. Os que conseguiram sair do vício, aquilo é para vida inteira, então têm que mudar ambientes... O cara pode estar limpo, mas se for naquele bar onde costumava usar com os amigos... Ele vai evitar ir. Eu tenho muita vontade de fazer... Foi como te falei, como meu filho fez Gastronomia, às vezes ele cozinha, às vezes ele faz hambúrguer para vender, hambúrguer vegetariano... E isso eu também faço. Esse lado empreendedor começou a brotar em mim depois que fiquei desempregada. Também faço marmittinhas saudáveis e tenho muita vontade de fazer um projeto com dependentes químicos em clínicas de reabilitação, de levar... Na maioria das internações, você vê gente muita nova, ou até com um pouco mais de idade, que passou uma vida e não sabe fazer nada. A cozinha te traz isso, você põe amor quando está cozinhando. Acho que esse é o primeiro processo, o adicto tem muito amor dentro dele, e não consegue trabalhar. Quando você transforma isso em alimento e vende para uma pessoa, você tem uma resposta muito rápida, "hossa, isso é muito bom". Com a crise de emprego que estamos passando, com a economia, não vai existir emprego suficiente no mundo, temos que trabalhar o empreendedorismo nas pessoas, então eu tenho muita vontade de desenvolver um projeto ligado à essa área de Gastronomia, onde estou atuando, para levar esse aprendizado para essas pessoas para que elas comecem a conquistar esse amor, essa cor, uma profissão e uma fonte de renda.

P/2 – Acho que a sua última resposta acabou dando um gancho para algumas das coisas que eu iria te perguntar. Você foi falando agora dessa relação com o seu filho, indo encontrar um ponto comum, e isso de repente te aproximou da ideia do empreendedorismo e para esse trabalho que hoje vocês têm fazendo marmittas. Eu queria que você falasse como foi que você começou a se perceber empreendedora.

R – Olha, na minha carreira profissional, eu fiquei por muitos anos em uma empresa e antes disso tive outros empregos, mas como eu tive que me virar muito cedo, sou uma pessoa que não gosta de depender muito das pessoas, depender de nada, não gosto de depender de nada. Quando você está em uma empresa muitos anos... Se você está em uma empresa, você depende de alguém, e alguém pode chegar amanhã e falar, "Maurício, muito obrigada, mas não te quero mais aqui", então mesmo trabalhando CLT, isso foi uma coisa que sempre me preocupou. Lógico, como eu era absorvida em tempo integral, não conseguia fazer mais nada no meu tempo ocioso que eu não tinha (risos) na questão de empreender. Quando fiquei desempregada, o primeiro passo foi que me aproximei e falei, "vou me dar seis meses de férias", porque tinha sete anos que eu não tirava férias. Conheci o grupo Rede Social Zona Norte que é uma rede de pessoas que atuam no terceiro setor ou pequenos empresários que se reúnem uma vez por mês. Para quê? Para o fortalecimento da Zona Norte. Eu não conhecia nada no meu bairro. Eu conhecia onde eu trabalhava, a Vila Anastácia e o Morumbi, porque eu só vinha para a minha casa para dormir. Eu comecei a conhecer pequenos empreendedores. Eu tinha muita vontade de conhecer o Sebrae, porque já tinha feito um ou outro curso. E aí, comecei a me aproximar do Sebrae da Zona Norte. Assim, eu nunca tive aula de empreendedorismo e acho que também é algo que você deve aprender desde o berço. Nos Estados Unidos eles ensinam as crianças a serem empreendedoras. No Brasil não, por enquanto você ensina as crianças a serem independentes e não empreendedoras. Então eu comecei a me aproximar do Sebrae, a fazer cursos e tudo mais, para acreditar que, "olha, você pode gerar renda e pode abrir uma empresa para resgatar essa veia empreendedora". Acho que é muito importante para você fazer qualquer coisa, acreditar em si mesmo. Juntando isso com a dependência química, que eu não tenho, mas meu filho tem, acreditar nele é muito importante, acreditar que ele pode fazer algo, que ele pode fazer as marmittas e que as pessoas gostam. Para ele é muito importante quando as pessoas falam, "hossa, você tem um tempero muito bom", ele se sente bem com isso. Acho que todo mundo tem seu lado bom. Tem seu lado ruim, mas tem seu lado bom também.

P/2 – E a ideia de vocês terem um negócio juntos, como que ela foi se conformando para chegar ao formato que vocês têm hoje?

R – Então, aconteceu assim, meu filho começou a gostar de cozinha, porque ele sempre me viu cozinhar aos fins de semana. Como minha irmã é mais velha que eu 14 anos, ela sempre cozinhou. Como minha mãe já era falecida, as reuniões sempre foram na casa da minha irmã. Minha irmã fazia biscoito, bolo, e meu filho e sobrinhos sempre crescendo nesse ambiente. Quando ele decidiu fazer Gastronomia, eu o apoiei. Recentemente, depois de um tempo fiquei desempregada. Ele nunca tinha feito nenhum empreendedorismo. Ele trabalhou em alguns restaurantes. Algumas vezes ele veio para São Paulo, foi para Joinville, voltou para São Paulo e começou a fazer hambúrguer congelado e vender onde ele morava. Ele estava morando em Sorocaba, em um conjunto onde tinha cinco apartamentos, e falou, "ah, mãe, até eu arrumar um emprego, vou começar a fazer hambúrguer e vender". Ele começou a fazer e começou a dar certo. Tinha muita gente solteira e ele começou a ver que isso estava trazendo uma rendinha para ele. Depois de um tempo, ele veio para São Paulo, ficou um tempinho fazendo esses hambúrgueres, depois decidi se mudar para uma casa e ficou fazendo marmitas. Só que marmita é um pouco complicado, porque você não sabe se vai cozinhar para 10, para 20, e se as pessoas vão pedir, e aí ele viu que esse modelo de negócios não iria dar certo. Como eu tenho dois netos, ele decidiu se mudar e voltar para São Paulo para ficar perto dos filhos, e veio morar perto de mim de novo. Eu fiquei desempregada e falei, "poxa, o que vou fazer? Não sei trabalhar com a área de cabelo, nem com a área de saúde, e a minha profissão infelizmente depende de uma empresa. Tudo bem, posso dar uma consultoria financeira, mas tenho que correr atrás de clientes também. O que posso fazer de imediato?", e aí veio a questão, "poxa, o Arthur está fazendo hambúrguer e eu acho que vou fazer brigadeiros", e comecei a fazer brigadeiros para ajudar. Depois dos brigadeiros, veio a ideia do lanche natural, e eu vi que os dois não davam, porque eram coisas que você tinha que vender muito rápido ou estragavam e você perdia a mercadoria. Falei, "então vou fazer comida congelada. Ele vai fazer a linha de hambúrgueres e eu de marmitinhas saudáveis", preocupada com a alimentação de pessoas da terceira idade que têm que cuidar do colesterol, das pessoas que precisam comer bem e com o valor bacana. Porque não adianta eu fazer uma marmita... A marmita personalizada, eles estão vendendo por aí a R\$20,00 ou R\$22,00. Realmente, não estou ganhando muito nas marmitinhas que eu vendo, mas estou levando qualidade para você que precisa comer bem. E meu objetivo não é ficar rica com as marmitas, meu objetivo é ter uma renda sim, mas você melhorar a sua alimentação, você melhorar... Eu não quero enfiar a faca, não parto desse princípio. Foi daí que nasceu essa ideia, quer dizer, começou com o Arthur fazendo esses hambúrgueres e nós amadurecendo em vários aspectos.

P/1 – E você comentou sobre uma vontade, um plano de conciliar essa sua atuação no apoio de pessoas com dependência química, de adictos, enfim no sentido de incentivá-los a empreender no ramo da Gastronomia. Como que veio essa ideia e como você está visualizando a concretização desse plano?

R – Assim, acho que ainda preciso pensar com mais cuidado, tenho que ter um projeto. O que vou fazer? Vou dar aula? Vou ensinar? Para quem? Não é para qualquer adicto que está internado em uma clínica de reabilitação que você pode dar um garfo e uma faca. Nos primeiros meses, eles comem de colher e não tem faca, porque eles ainda estão com o poder da droga no organismo. Essas coisas têm que ser pensadas também. Mas eu penso em dar pequenos cursos e até ajudar na questão do empreendedorismo. Não é dar pequenos cursos e largar. Dar um curso rápido de um mês ou dois meses, só que assim, a cada semana a pessoa vai sair com um produto, "onde a gente pode vender?", "ah, a gente pode vender na feira tal", "então vamos buscar a autorização"... Sabe? Você ajudar a dar o pontapé inicial, porque as pessoas têm dificuldade nisso. Ou dar esses cursos na minha própria casa, ou em clínicas, em cozinha compartilhada, alguma coisa nesse sentido.

P/2 – Acho que minha última pergunta seria, que você falou do seu trabalho voluntário e falou também do trabalho que você faz com a educação de refugiados. Querida que você falasse como foi que você começou a fazer esse trabalho voluntário e o que o voluntariado representa na sua vida.

R – Então, foi o que comentei, quando fiquei desempregada e comecei a frequentar a Rede Social Zona Norte... Então assim, eu já fazia trabalho voluntário no Amor Exigente, e comecei a conhecer pequenos empresários da Zona Norte e muitas ONG's, e comecei a me aproximar de uma ou outra que tivesse mais afinidade. Como eu tenho essa veia, gosto muito de ensinar e minha mãe era professora, lá atrás eu cheguei a dar aula particular para ganhar alguma grana também. Eu te falo, uma faculdade de Pedagogia é uma coisa que está em um caminho próximo também, porque é preciso ter. Embora eu tenha faculdade, tenho que ter a Pedagogia, não adianta, eu gosto de fazer as coisas pelo caminho certo. Uma das ONG's das quais eu estava me aproximando, trabalha com refugiados. Às vezes eu ia em alguns eventos, e eles me chamaram no celular para saber se eu sabia de alguém que dava aula para esse tipo de pessoas, de refugiados. Eu indiquei uma pessoa, e no final acabaram me chamando para dar essa aula para eles, nesse curso de 50 dias. Foi muito enriquecedor. Foi esse ano, entre fevereiro e março. Junto com a pandemia, surgiu um projeto também... Porque assim, às pessoas que vieram fazer esse curso... Era uma sala que começou com 15 pessoas. Tinha gente da Síria, do Marrocos, gente da Venezuela, do Líbano, e cada um colocou um pouco da sua história de vida, tinha gente do Congo, que não sabia nem falar português, estava em abrigos de casas religiosas e precisava aprender português muito rapidamente... Eu dei essas 50 aulas e depois veio um projeto de eu dar reforço para essas pessoas, continuar o trabalho de voluntariado dentro dessas casas que acolhem essas pessoas. Só que veio a pandemia e ela bloqueou tudo e os acessos à essas casas para eu poder levar essas aulas para esses refugiados nesses lugares para aprenderem o português. É isso. E para mim o que representa o voluntariado hoje, foi o que te falei, representa muito mais do que o dinheiro. Hoje, o que estou fazendo da minha vida? Com isso também veio a proposta de trabalhar meio período em uma empresa, então estou trabalhando a um quilômetro de casa meio período. Tenho uma renda fixa, e posso estudar, fazer minhas marmitas e meu voluntariado. Se você me perguntar, como em uma entrevista que tive outro dia, "você quer ganhar, sei lá, X para trabalhar do outro lado, no Morumbi?", eu não quero, sabe? Foi o que te falei, "poxa, será que ganhar muito compensa você não ter mais tempo para você, para a sua vida e para as suas coisas?", para mim não compensa mais a questão financeira. Eu ganhava x, ganhava muito bem, mais de dez salários mínimos, mas gastava não sei quanto com combustível, não sei quanto com seguro do carro, não sei quanto com manutenção do carro, pagava uma empregada para cuidar da minha casa e nem via minha casa, não curtia minha casa, então o valor que traz o voluntariado, acho que vale muito mais do que a questão monetária. É uma coisa que sempre quis no passado. Tem um ditado que diz assim, que você tem que desejar para você concretizar seu sonho. Então assim, o que estou passando hoje, tirando a dependência química (risos), foi o que desejei lá atrás, entendeu? Desejei fazer trabalho voluntário, desejei trabalhar menos, trabalhar meio período, e o resto é aprendizado e faz parte da vida, mas primeiro tem que existir o desejo para você concretizar.

Acho que é isso.

P/1 – Você participou do Mil Mulheres?

R – Participei.

P/1 – Como foi a experiência de participar do Mil Mulheres?

R – Desculpa, não entendi o que você falou, porque está cortando.

P/1 – Eu perguntei como foi a experiência de participar do Mil Mulheres.

R – Então, quando fui me inscrever no Mil Mulheres, na chamada para participar do programa, eu achei que não me encaixava. Eu até comentei isso com a Joice e com a Adriana antes de entrar. "Ah, você fez a sua inscrição?", eu disse que não, "por que?", "uma chamada muito agressiva" foi o que coloquei para ela, mas não era essa a questão. Falava de pessoas em situação de vulnerabilidade, falava de algumas coisas e eu não estava naquela situação. Falei "poxa, meu perfil não encaixa, não estou em situação de vulnerabilidade, não sou isso, não sou aquilo". A Joice já sabia do meu trabalho de voluntariado, do Amor Exigente, já sabia que eu era membro da Rede Social Zona Norte, a Adriana também sabia, e falaram, "por que você não faz? Por que não se inscreve? Assim como você, pode ter pessoas que estão nessa situação e você pode ser um incentivo para elas". Eu fiquei postergando e postergando, até que achei um grupo no qual eu queria me encaixar, que foi um grupo de dependentes químicas. Falei, "é nesse grupo que vou, é esse grupo que quero". Diferente de todas elas, eu era mãe de um dependente químico, e a maioria que estava lá, estava em tratamento da dependência química, por alguma instituição que estava levando. Eu falei, "quero ser a diferença para essas mulheres". Acho que tudo que aprendemos na vida, por mais que eu tenha feito gestão financeira, duas ou três faculdades, qualquer matéria... Aquela semana de Mil Mulheres foi tão enriquecedora, a troca com aquelas pessoas, a maneira da Adriana colocar (que foi quem deu o curso na época), que isso serve para a minha vida, ou para eu multiplicar... Você sente, "vou fazer esse curso de novo?", mas foi muito bacana. Acho que a troca que teve lá dentro foi bem enriquecedora.

P/1 – E para você, qual foi o momento mais marcante na trajetória de empreendedora?

R – Acho que de mais marcante... Acho que você vai construindo ao longo do tempo, mas assim, por exemplo, hoje eu tenho uma cliente que toda semana compra comida para os pais dela que são idosos. Ela pede 40 marmitas por semana, já é um pedido fechado. Escutar dela, "que legal, você está trazendo qualidade de alimento para os meus pais, eles estão comendo muito melhor", acho que isso é bacana. Foi o que falei para você, o dia de segunda-feira é super complicado, eu saio do serviço em que trabalho meio período, vou correndo para casa, fico cozinhando até às 21:00 horas ou 22:00 horas e só fico na cozinha. Quarta-feira é um dia mais ou menos morno, mas quinta e sexta eu volto a produzir, é feira, mercado no sábado e domingo. Por isso que falei, "lá do outro lado", porque hoje minha vida está concentrada na Zona Norte. Acho que esse retorno do cliente ou quando você faz uma marmita personalizada e a pessoa fala, "hossa, estava comendo tão bem com a sua marmita, estava emagrecendo. Parei de comer e... Gosto de ver meu freezer lotado com as marmitinhas", acho que isso é bem enriquecedor.

P/1 – Quais foram os maiores desafios e maiores oportunidades que você já teve na sua empresa?

R – Ah, acho que o maior desafio mesmo é você colocar um alimento, e da mesma forma que tem a pessoa que gosta, também tem aquele outro que não está esperando, que me liga e fala, "quero uma marmita, fecha um pacote, porque quero uma alimentação equilibrada". Você vai, faz o pacote, e a pessoa não gosta. Você tem que saber ter essa crítica. "Por que você não gostou?", "eu queria com mais queijo, com mais tempero", "espera aí, você quer uma coisa não tão saudável e eu posso fazer não tão saudável, mas você me pediu saudável!", "ah, é verdade, devo estar enganado". Acho que esses são os desafios diários, você sempre tem uma avaliação do cliente se está bom ou não, e às vezes por mais que você faça, não agrada aquele gosto. Às vezes você começa com "poxa, então vamos fazer uma segunda tentativa? Eu coloco mais tempero, mais isso, mais aquilo", e aí eu vou adaptando ao gosto de cada um. Acho que é tanto desafio quanto oportunidade. E de imaginar que se crescer mais, vou ter que contratar alguém para me ajudar, e assim vai se alimentando essa cadeia. Posso contratar alguém que está em recuperação, em uma clínica, que já está limpo há x dias, colocar algumas regras, dar uma oportunidade de trabalho para essa pessoa aprender também a cozinhar, e assim vai aumentando essa cadeia.

P/1 – Queria que você falasse um pouco mais da sua empresa. Qual é o nome? Como ela funciona?

R – Então, eu ainda tenho essa dificuldade de fazer propaganda (risos), estou aprendendo no Sebrae, porque como eu trabalhei anos no setor financeiro, sou uma pessoa bem reservada. Quando você tem que empreender, tem que dar as caras mesmo. A empresa é o nome do meu filho, Alimentos Saudáveis Kissuani, são alimentos e marmitas saudáveis. Funciona por encomenda, então a gente passa o cardápio, você escolhe os itens que você quer na sua semana e eu te entrego dois dias depois do pedido. Então vem desde marmitas da linha fitness, que é o que ele gosta de fazer, que é a linha de pessoas que estão fazendo academia, que querem comer determinado tipo de coisa para ganhar músculo, ganhar massa, tanto a linha de marmitas saudáveis, onde vai mais verduras, mais legumes, uma carne mais grelhada... Agora, se você quiser um prato mais elaborado, com muito queijo e muita coisa engordativa, eu também faço. Só que eu gosto de fazer sempre a parte mais ligada com a alimentação saudável, de você cuidar do seu corpo. E nós fazemos hambúrguer congelado, hambúrguer vegano, antepasto, antepasto de berinjela, antepasto de abobrinha... Eu também busco parcerias, então no caminho eu também... Por exemplo, eu fazia brigadeiro gourmet, e inventei uma receita de banana e coco muito boa. Eu tenho uma colega hoje que faz pão de mel, tenho uma outra que faz pão caseiro, então porque não associar? Eu sempre ofereço o produto de outras pessoas. É aquela coisa, por que não posso? Estou oferecendo, e não custa nada oferecer para as pessoas.

P/1 – E como é ser empreendedora e atuar na Zona Norte?

R – Ser empreendedora e atuar na Zona Norte? Ah, eu ainda sou pequenininha, ainda sou uma formiguinha. Acho que a Zona Norte para mim ainda é uma rede de conforto. Eu tenho até uma amiga que conheci no Amor Exigente, e ela tinha uma empresa onde ela fazia cartões de casamento. Depois de um tempo, a empresa não estava dando certo, e baseada na minha experiência, ela começou a fazer comida delivery em casa. Começou a ver que ela também tinha muito prejuízo, porque tinha que... A dinâmica é muito corrida. Hoje ela está com marmitinhas saudáveis também. Poxa, é concorrente? Não, São Paulo tem 10 milhões de habitantes, então tem espaço para todo mundo. É legal você ser incentivador na vida de uma pessoa. Eu te falo, se eu conseguir ali no meu bairro, na minha vizinhança aumentar cada vez mais o número de clientes, acho que tem espaço para todo mundo.

P/1 – Para você, o que é ser uma mulher empreendedora?

R – Acho que a mulher já tem essa característica desde quando ela nasce. Me desculpem os homens aqui presentes, mas o sexo frágil não é a mulher. Infelizmente essa semana eu desci no metrô em Santana cedinho para trabalhar e estava comentando com meu marido, que todo dia que eu desço em Santana 06:30 horas da manhã, tem um monte de gente jogada nos terminais, nos bancos, em volta, e assim, eu falo que de 50 pessoas que estão lá, 48 são homens, e você vê duas mulheres. Bom, acho que o número de mulheres está aumentando, mas a maioria... Você olha para cada cara, cada rapaz, e você vê que muita gente está lá por conta da bebida ou da droga, você vê pela roupa. Essa semana teve até uma coisa que me chocou bastante, porque tinha um cara lá, seis e pouca da manhã cheirando cocaína no banco do terminal em Santana, como se fosse a coisa mais natural. Foi o que te falei, é natural hoje em dia, está cada vez mais perto. Voltando, a mulher é o braço forte, ela que cuida do filho, na situação de rua infelizmente você vê mais homens do que mulheres... É o que falo, os homens têm que tentar resgatar a força deles, para não deixar chegar nessa situação, por conta de vários fatores. Têm estudos que falam que são mais homens do que mulheres que acabam caindo nessa situação. Então, acho que a mulher tem muito disso nato, ela faz jornada dupla, jornada tripla. Quando ela consegue realizar esse sonho de empreender por ela mesma, acho que ela consegue até traçar voos muito maiores, sendo uma incentivadora para muita gente, para a família... E acho que no caso de alimento, em um momento de crise como esse que estamos vivendo, você deixa de ir ao cabeleireiro, você deixa de levar seu carro para lavar, mas você não deixa de comer. Então acho que o alimento ainda é muito importante. Você ganha muito? Não. Eu estava até discutindo essa semana, falando com o meu marido, "poxa, o preço do arroz subiu. Um saco em que você pagava R\$15,00 agora você paga R\$25,00. É um absurdo", ele falou, "é, e você, não vai repassar nas suas marmitinhas?". Então têm essas questões em que você tem que pensar, se você passa ou não repassa. Mas ninguém está tendo aumento de salário, estamos vivendo uma recessão, então o que podemos fazer para melhorar? Vamos trabalhar em grupo. Então, a mulher sendo empreendedora, se preocupa com o todo. Sem contar que eu e o Arthur produzimos, e meu marido às vezes vai fazer entrega, ele ajuda nessa questão.

P/1 – Agora eu queria te perguntar mais dos dias atuais. Como é que a sua rotina mudou por conta do Coronavírus?

R – Então, fiquei os três primeiros meses praticamente sem sair de casa, porque como eu trabalhava em casa, sem nenhuma atividade profissional externa, minha vida era sair uma ou duas vezes por semana, ir ao mercado ou a feira, e comprar as coisas para cozinhar. Quando chegou no mês de junho, uma empresa me chamou. Ela já tinha me chamado em março, mas o processo seletivo foi cancelado, e ela retomou as atividades em junho, para trabalhar meio período nessa empresa de saúde. Eu comecei a trabalhar lá muito recentemente, e fica a um quilômetro da minha casa. Eu falei, "bom, dá para conciliar com a marmitinha e com o voluntariado". E aí eu comecei a sair mais de casa, desde o final de junho. Às vezes vou a pé, às vezes pego um ônibus. Acho que assim, quanto à preocupação do vírus e da pandemia, está todo mundo sujeito. Acho que se você pegar um ônibus, você tem que chegar no serviço, lavar sua mão, passar álcool e ir trabalhar. Acho que uma coisa eu aprendi no Amor Exigente, que levo muito para a minha vida, é a questão de viver só por hoje. Eu não vivo... O Caziza vivia um milhão de coisas em um dia só. Acho que você tem que se preocupar com o amanhã, mas viver por hoje. Se essa pandemia, se esse vírus vai entrar na minha casa... Se você começar a entrar em neura de Coronavírus... "Ah, mas eu estou pegando condução", não, não começa a viajar na ideia. É como a dependência química, não começa a deixar o pensamento te levar. É você fazer o que tem por hoje. O que é? Seguir a recomendação, usar máscara, se cuidar. O contato com a família, com os amigos... Lógico, faz seis meses que não vejo minha irmã, que não vejo meu sobrinho, que não vejo meu outro irmão. Minha irmã de Joinville tem bronquite, e está dando aula pelo computador. Tudo bem, vamos tentar evitar e ficar restrito o máximo possível, mas a vida tem que continuar, você tem que caminhar, você tem que trabalhar. É só fazermos as coisas com cautela, seguindo o que é proposto.

P/1 – O que você gosta de fazer nas horas vagas?

R – Eu gosto de andar, gosto de caminhar, gosto de ir ao parque, gosto de praia. Eu e meu marido passeamos muito de moto. Gostamos de pegar a moto e almoçar em um lugar bem distante, fora. Ficar com a família, fazer almoço em família, com o filho, com os netos... Eu tenho dois netos, uma de oito anos e o outro de seis. Gosto de cuidar de plantas... Então, são essas coisas que gosto de fazer.

P/1 – Como foi para você ser avó?

R – No começo, foi difícil, porque eu fui avó com 43 anos. Vou fazer 51. Então, assustou, "avó, nossa", me senti muito mais velha do que já me sentia. Mas é uma delícia você ver os filhos do seu filho te chamando de avó, você ainda ser uma avó nova e poder fazer certas coisas com os seus netos, aproveitar, brincar... É muito bom ver a continuidade! Acho que a única certeza é que você nasce e já começa a envelhecer. A vida é um processo, ela passa muito rápido. Como ela passa rápido! Você tem que viver cada fase. Não adianta viver no passado falando, "quando eu tinha aquele emprego", não, já passou, ficou lá para trás. Então você tem que viver por hoje. O que eu sou hoje? Hoje sou a Ana Paula, que trabalha em uma empresa de saúde, faço marmittas congeladas, faço trabalho voluntário... E o que vou ser lá na frente? Tenho vários sonhos, vários projetos. Você pode mudar. Ontem li uma frase, "você não é a mesma pessoa que ontem". Você é uma pessoa que pode mudar!

P/1 – Quais foram os maiores aprendizados que você teve nessa sua trajetória na comunidade?

R – Trajetória... Acho que tudo que você faz, volta para você de alguma forma. É aquele negócio, se você puder fazer o bem para alguém, faça. Tem gente que me pergunta até hoje, "hossa, mas ainda está fazendo voluntariado? O que você ganha com isso?". Financeiramente, não ganho nada. Agora, emocionalmente, acho que isso tem muito valor. E às vezes um serviço voluntário que você faz aqui, roda, roda, e você pode receber uma proposta de trabalho lá na frente de outro lugar. Você tem que estar em movimento, tem que sair da sua casinha, da sua zona de conforto. Acho que até o convite para vir aqui... Foi o que falei, fiquei tantos anos da minha vida trabalhando em outros lugares. Nos dois últimos anos, estou muito focada na Zona Norte. Quando você falou onde era, me deu um desânimo tão grande, mas foi tão bom eu ter saído da zona de conforto. Eu vinha muito para cá, cheguei a trabalhar aqui perto. Falei, "hossa, que gostoso esse lugar, eu nem lembrava". Então, no final, acho que acabou sendo um convite bem bacana e uma experiência bem bacana.

P/1 – Tem alguma coisa que eu não perguntei e que você gostaria de acrescentar na sua história?

R – Acho que assim, junto com a minha história de vida, o que eu não tive oportunidade de falar foram... Enquanto eu trabalhava CLT full time, eu sempre me preocupei com o envelhecimento. Uma das coisas que também estou vendo na área profissional, inclusive fiz até um curso ano passado, é o empreendedor da terceira idade, porque assim, o mundo está envelhecendo também. Hoje, o que faço? Atendo pessoas... Infelizmente, esse é um projeto novo. É um projeto que era para ter começado em março. Começou em março, mas logo depois veio a pandemia. Um projeto para você auxiliar o idoso. Por que? Com o mundo que a gente vive hoje, os filhos cada um com sua profissão, você acaba envelhecendo e fica em casa. É uma pessoa para levar ao médico, uma pessoa para levar ao dentista, uma pessoa para fazer exame, ou para ficar uma hora com ele para ler, para fazer um jogo... Principalmente em uma cidade como São Paulo, nós quase não temos esse hábito. E aí, veio a proposta desse empreendedor da terceira idade, de você fazer esse atendimento para essa pessoa, propor para ela uma qualidade de vida maior, e um recurso financeiro para você também. É um projeto que começou no ano passado e também teve a participação do Sebrae. Eu fiquei sabendo dele e depois que vi que o Sabe acabou entrando nesse projeto, mas nada é por acaso. Acho que é um projeto que ainda tem muito futuro, ainda tem muito caminho... Porque um dia todo mundo vai envelhecer. Então é um campo a seguir, se preocupar com a longevidade, e envelhecer de uma forma saudável.

P/1 – Quer falar mais um pouquinho desse projeto?

R – Eu atendo às terças-feiras uma senhora, e fico uma hora com ela. Ela tem 75 anos, e tem baixo QI. É tão gostosa essa hora com ela. Infelizmente, o meu atendimento está sendo virtual. A gente canta, dança, faz algumas posturas de yoga, faz alongamento, e quando termina o atendimento, ela fala, "ai, como quero te ver pessoalmente". É o que te falo, o valor desse atendimento, é muito mais do que... Como fiquei por muitos anos na área financeira... Quando você é da área financeira, ninguém fala, "ai, que legal você pagou todas as contas hoje", "você pegou dinheiro emprestado com o banco", ninguém elogia o seu trabalho. Então, nesse mundo do empreendedorismo, nessas questões que estou fazendo, ou da culinária, ou da terceira idade, você sempre tem um retorno. Essa senhorinha... Quando termina o atendimento, é muito gostoso. Já fiz com ela assim, "vamos fazer uma festa terça-feira que vem?", "vamos", "então vamos fazer uma festa a fantasia", E a gente chega no atendimento, eu fantasiada, ela fantasiada, colocamos música e começamos a cantar e dançar. Naquela horinha, ela está fazendo uma coisa diferente da atividade dela. Têm muitos idosos que ficam na frente da televisão por horas, e horas, e horas, e é só isso que eles fazem. Então, é muito bacana e muito gratificante ela falar, "não vejo a hora de chegar terça-feira que vem para te ver de novo". Assim, como falei, como sempre trabalhei na área financeira, na área financeira e administrativa, ninguém reconhece o seu serviço, ninguém fala, "parabéns, você pagou todas as contas". Então, nessa questão do empreendedorismo, além das marmitas, como nessa questão da terceira idade, você tem o reconhecimento muito de imediato. Acho que isso está fazendo a diferença.

P/1 – Incrível esse projeto, eu adorei. E o que você acha desse projeto de registrar a história de mulheres empreendedoras?

R – Então, como tenho uma questão que falei lá no início da perda da minha mãe e da perda de referências, acho bacana você poder registrar essas histórias para as pessoas que vêm lá na frente, para saberem um pouco mais de quem foi fulano e de quem foi sicrano. Às vezes você conhece as pessoas, como eu conheci muitas famílias no Amor Exigente, que eu encontrava toda semana, mas toda semana ela falava daquele problema, daquele filho, daquela situação que estava passando, só que ela é muito mais do que aquilo, ela é muito mais do que aquele problema. Acho que todo mundo tem uma história bonita mesmo para contar, como vocês colocam.

P/1 – E o que você achou de contar a sua história?

R – Ah, achei bacana. Achei que iria ter que usar o lenço de papel, e não usei, entendeu? Acho que é bacana você colocar no papel aquilo que você fez. Eu já tinha feito um trabalho mais ou menos assim, de colocar essas questões.

P/1 – Eu perguntei o que você acha de contar a sua história.

R – Eu já tinha escrito isso em um papel alguns anos atrás. Até pela questão da terapia, é bom colocar no papel certas coisas para você não carregar isso a vida inteira, e deixar lá esse registro do que foi a sua história. Quando veio esse projeto, a primeira coisa que questionei para a coordenadora do Sebrae foi, "poxa, mas eu tenho algo para contar?", e ela disse, "lógico que você tem muita coisa para contar", então acho muito bacana isso, é mais um passo, mais um aprendizado de que você veio a esse mundo para fazer alguma coisa e não para ser mero espectador.

P/1 – Eu queria agradecer a sua participação. Em nome do Museu da Pessoa, eu agradeço você ter vindo aqui registrar a sua história, eu amei.

R – Obrigada!